

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Carlos Monteiro



Rio, uma cidade que acolhe e abraça

O MUNDO ANDA COM OS NERVOS À FLOR DA PELE. Fronteiras tensas, discursos ásperos, a geopolítica parecendo um tabuleiro onde as peças se movem com pressa demais. E, no entanto, ali estava eu diante de uma cena curiosa: talvez uma das maiores filas que já vi na alfândega do aeroporto do Rio.

UMA FILA IMENSA. DAQUELAS QUE DOBRAM corredores e atravessam salas. Um rio humano que desembarca em ondas sucessivas. Turistas chegando aos borbotões.

O CURIOSO É QUE JÁ FAZ QUASE UM MÊS que o carnaval terminou. Em tese, a grande maré já deveria ter baixado. O calendário diria que a cidade voltou ao seu ritmo habitual. Mas o calendário, às vezes, não entende nada da vida real.

O FLUXO NÃO PARA. PELO CONTRÁRIO: parece crescer.

Gente da Europa, das Américas, da Ásia. Idiomas misturados no ar como se fossem instrumentos afinando antes de um concerto improvável. Olhares cansados de viagem, mas iluminados por uma expectativa muito simples: pisar no Rio.

FIQUEI PENSANDO no que empurra tanta gente para cá agora. Talvez seja o clima bélico que anda rondando o planeta. O mundo, quando se sente ameaçado, procura instintivamente lugares onde a vida ainda parece caber dentro de um abraço.

E o Rio, com todas as suas contradições, seus sustos e suas grandezas, continua sendo uma cidade que abraça.

O CARIOCA TEM ESSA estranha engenharia afetiva: transforma desconhecidos em conhecidos em poucos minutos. Uma piada no táxi, uma conversa no balcão do bar, uma orientação dada na rua como quem apresenta um velho amigo. Quem chega percebe isso rápido.

TALVEZ POR ISSO AS filas não diminuem. Talvez por isso o aeroporto continue recebendo gente como quem recebe chuva de verão: intensa, repentina, cheia de promessa. Num mundo que anda treinando para a guerra, muita gente parece estar procurando exatamente o contrário.

E HÁ CIDADES QUE, SEM perceber, acabam oferecendo essa rara tecnologia humana: a sensação de que ainda é possível viver entre pessoas — e não entre trincheiras.

O carioca tem essa estranha engenharia afetiva: transforma desconhecidos em conhecidos em poucos minutos. Uma piada no táxi, uma conversa no balcão do bar, uma orientação dada na rua como quem apresenta um velho amigo.



Michael B. Jordan e Miles Caton em cena do filme 'Pecadores', de Ryan Coogler, o recordista absoluto de indicações ao Oscar

'Pecadores' pode quebrar a maldição dos filmes de terror no Oscar

Gênero vem sendo historicamente esnobado pelos votantes da maior premiação do cinema mundial

SANDRO MACEDO
Folhaspress

Com 16 indicações, "Pecadores" detonou o recorde de filme com mais indicações ao Oscar, que pertencia ao trio "A Malvada", "Titanic" e "La La Land: Cantando Estações", todos com 14. Mas se até outro dia alguém apostasse que essa marca seria quebrada por um terror, provavelmente quebraria a banca.

Isso porque, historicamente, votantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood não são muito chegados em sustos, sangue esguichando ou cabeças girando mais do que a física permite — mesmo que sejam campeões de bilheteria. Por isso, mesmo o recorde de

indicações não faz de "Pecadores" um franco favorito ao prêmio principal, apesar dos elogios e dos louros colhidos pelo diretor Ryan Coogler.

Com reconhecimento em dezenas de premiações menores, "Pecadores" venceu na categoria de melhor elenco e de melhor ator, para Michael B. Jordan, no The Actor Awards. O prêmio a duas semanas do Oscar dá um impulso à candidatura de Jordan como melhor ator, em categoria que tem Timothée Chalamet como principal aposta, por "Marty Supreme", e Wagner Moura correndo por fora, por "O Agente Secreto".

"Pecadores" acompanha dois irmãos gêmeos que desafiam a pirâmide social da época para abrir um bar de blues no sul dos EUA nos anos 1930. Na noite de abertura, eles se veem encurrala-

dos por um grupo de vampiros. A originalidade da trama, com os sanguessugas como uma alegoria do racismo estrutural, conquistou a crítica americana.

Com US\$ 279 milhões de arrecadação, o longa foi a sétima maior bilheteria de 2025 nos EUA, à frente de superproduções como "O Quarteto Fantástico: Primeiros Passos" e "F1: O Filme".

No Oscar, muitos diretores de renome já passaram perto do troféu com títulos aterrorizantes. "O Exorcista", de 1973, com dez indicações, chegou mais próximo de levar melhor filme, mas ficou apenas com os prêmios de roteiro adaptado e som, perdendo para "Golpe de Mestre".

"O Sexto Sentido", de M. Night Shyamalan, teve a segunda maior bilheteria de 1999 nos EUA e chegou na cerimônia de 2000 com seis indicações, incluindo para o jovem Haley Joel Osment, de 11 anos, em ator coadjuvante. Saiu de mãos vazias.

"Corra!", de Jordan Peele, parecia o filme certo para quebrar o jejum e levar o Oscar, com sua mistura de terror psicológico e forte crítica social. Foi indicado em quatro categorias, incluindo melhor filme. Porém, deixou a cerimônia de 2018 apenas com a estatueta de roteiro original, e viu "A Forma da Água", fantasia sombria de Guillermo del Toro, com o prêmio principal da noite.

No ano passado, o "body horror" "A Substância" ressuscitou a carreira da atriz Demi Moore, vencedora de diversos prêmios, incluindo o Globo de Ouro de atuação em comédia ou musical. Mas as cinco indicações, incluindo melhor filme, transformaram-se em apenas uma estatueta, de maquiagem e cabelo.

Neste ano, "Pecadores" não está só. "Frankenstein", também de Del Toro, soma nove indicações, incluindo a de melhor filme, mas suas chances são remotas.

Divulgação